

a solução do processo de médiuns fracassados, em que está êle envolvido. Sômente depois, minha irmã.

Volvi os olhos para o Vicente, sem ocultar a surpresa, mas, enquanto as senhoras se retiravam conformadas, Aniceto dirigia-nos a palavra:

— Tenho serviços imediatos, em companhia de Telésforo. Deixo-os, a todos, em estudos e observações aqui no Centro de Mensageiros.

Retirou-se Aniceto com os maiores, e um companheiro declarou alegremente:

— Podemos conversar.

— Nosso orientador — explicou-me Vicente, solícito — considera trabalho útil toda conversação sadia, que nos enriquece os conhecimentos e aptidões para o serviço. Pelas nossas palestras construtivas, portanto, receberemos também a remuneração devida à cooperação normal.

Curioso e surpreendido, indaguei:

— E se eu tentasse voltar aos assuntos inferiores da Terra, esquecendo a conversação edificante?

Vicente sorriu e retrucou:

— O prejuízo seria seu, porque aqui a palavra define o Espírito, e se você fugisse à luz da palestra instrutiva, nossos orientadores conheceriam sua atitude imediatamente, porquanto sua presença se tornaria desagradável e seu rosto se cobriria de sombra indefinível.

VII

A QUEDA DE OTAVIO

A ausência de Aniceto deu ensejo a palestras interessantes.

Formaram-se grupos de conversação amiga.

Impressionado com as senhoras que haviam solicitado providências para Otávio, pedi a Vicente me apresentasse a elas, não que me movesse curiosidade menos digna, mas desejo de alcançar novos valores educativos sôbre a tarefa mediúnica, que a palavra de Telésforo me fizera sentir em tons diferentes.

O amigo atendeu de boamente.

Em breves momentos, não me achava tão só à frente das irmãs Isaura e Isabel, mas do próprio Otávio, um pálido senhor que aparentava quarenta anos.

— Também sou principiante aqui — expliquei — e minha condição é a do médico falido nos deveres que o Senhor lhe confiou.

Otávio sorriu e respondeu:

— Possivelmente, o meu amigo terá a seu favor o fato de haver ignorado as verdades eternas, no mundo. O mesmo não ocorre comigo, ai de mim! Não desconhecia o roteiro certo, que o Pai me designava para as lutas na Terra. Não possuía títulos oficializados de competência; entretanto, dispunha de considerável cultura evangélica, coisa que, para a vida eterna, é de maior importância que a cultura intelectual, simplesmente considerada. Tive amigos generosos do plano superior, que se faziam visíveis aos meus olhos, recebi

mensagens repletas de amor e sabedoria e, no entanto, caí mesmo assim, obedecendo à imprevidência e à vaidade.

As observações de Otávio impressionavam-me vivamente. Quando no mundo, não tivera contato especial com as escolas espiritistas e experimentava certa dificuldade para compreender tudo quanto êle desejava dizer.

— Ignorava a extensão das responsabilidades mediúnicas — respondi.

— As tarefas espirituais — tornou o interlocutor, algo acabrunhado — ocupam-se de interesses eternos e daí a enormidade de minha falta. Os mordomos de bens da alma estão investidos de responsabilidades pesadíssimas. Os estudiosos, os crentes, os simpatizantes, no campo da fé, podem alegar ignorância e inibição; todavia, os sacerdotes não têm desculpa. E' o mesmo que se verifica na tarefa mediúnica. Os aprendizes ou beneficiários, nos templos da Revelação nova, podem referir-se a determinados impedimentos; mas o missionário é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que coisa alguma o exonera das culpas adquiridas.

— Mas, meu amigo — perguntei assaz impressionado — que teria motivado seu martírio moral? Noto-o tão consciente de si mesmo, tão superiormente informado sobre as leis da vida, que me custa acreditar se encontre necessitado de novas experiências nesse capítulo...

Ambas as senhoras presentes mostraram estranho brilho no olhar, enquanto Otávio respondia:

— Relatarei minha queda. Verá como perdi maravilhosa oportunidade de elevação.

E, após mais longa pausa, continuou gravemente:

— Depois de contrair dívidas enormes na esfera carnal, noutro tempo, vim bater às portas de "Nosso Lar", sendo atendido por irmãos generosos, que se revelaram incansáveis para comigo. Pre-

parei-me, então, durante trinta anos consecutivos, para voltar à Terra em tarefa mediúnica, desejo de saldar minhas contas e elevar-me alguma coisa. Não faltaram lições verdadeiramente sublimes, nem estímulos santos ao meu coração imperfeito. O Ministério da Comunicação favoreceu-me com todas as facilidades e, sobretudo, seis entidades amigas movimentaram os maiores recursos em benefício do meu êxito. Técnicos do Auxílio acompanharam-me à Terra, nas vésperas do meu renascimento, entregando-me um corpo físico rigorosamente sadio. Segundo a magnanimidade dos meus benfeitores daqui, ser-me-ia concedido certo trabalho de relêvo, na esfera da consolação às criaturas. Permaneceria junto das falanges de colaboradores encarregados do Brasil, animando-lhes os esforços e atendendo a irmãos outros, ignorantes, perturbados ou infelizes. O matrimônio não deveria entrar na linha de minhas cogitações, não que o casamento possa colidir com o exercício da mediunidade, mas porque meu caso particular assim o exigia. Nada obstante, solteiro, deveria receber, aos vinte anos, os seis amigos que muito trabalharam por mim, em "Nosso Lar", os quais chegariam ao meu círculo como órfãos. Meu débito para com essas entidades tornou-se muito grande e a providência não só constituiria agradável resgate para mim, como também garantia de triunfo pelo serviço de assistência a elas, o que me preservaria o coração de levandades e vacilações, porquanto, o ganha-pão laborioso me compelia a não aceder a sugestões inferiores nos domínios do sexo e das ambições incontidas. Ficou também assentado que minhas atividades novas começariam com muitos sacrifícios, para que o possível carinho de outrem não amolecesse a minha fibra de realização, e para que se não escravizasse minha tarefa a situações caprichosas do mundo, distantes dos desígnios de Jesus, e, sobretudo, para que fôsse reatada a impessoalidade do serviço. Mais tarde, então, com o

correr dos anos de edificação, me enviariam de "Nosso Lar" socorros materiais, cada vez maiores, à medida que fôsse testemunhando renúncia de mim mesmo, desprendimento das posses efêmeras, de-sinterêsse pela remuneração dos sentidos, de maneira a intensificar, progressivamente, a sementeira de amor confiada às minhas mãos.

Tudo combinado, voltei, não só prometendo fidelidade aos meus instrutores, como também hipotecando a certeza do meu devotamento às seis entidades amigas, a quem muito devo até agora.

Otávio, nesse momento, fez uma pausa mais longa, suspirou fundamente, e prosseguiu:

— Mas, ai de mim, que olvidei todos os compromissos! Os benfeitores de "Nosso Lar" localizaram-me ao lado de verdadeira serva de Jesus. Minha mãe era espiritista cristã, desde moça, não obstante as tendências materialistas de meu pai que era, todavia, um homem de bem. Aos treze anos fiquei órfão de mãe e, aos quinze, começaram para mim os primeiros chamados da esfera superior. Por essa ocasião, meu pai contraiu segundas núpcias, e, apesar da bondade e cooperação que a madrastra me oferecia, eu me colocava num plano de falsa superioridade, a respeito dela. Em vão, minha genitora endereçou, do invisível, apelos sagrados ao meu coração. Eu vivia revoltado, entre queixas e lamentações descabidas. Meus parentes conduziram-me a um grupo espiritista de excelente orientação evangélica, onde minhas faculdades poderiam ser postas a serviço dos necessitados e sofredores; entretanto, faltavam-me qualidades de trabalhador e companheiro fiel. Minha negação em matéria de confiança nos orientadores espirituais e acentuado pendor para a crítica dos atos alheios compeliavam-me a desagradável estacionamento. Os beneméritos amigos do invisível estimulavam-me ao serviço, mas eu duvidava deles com a minha vaidade doêntia. E como prosseguissem os apelos sagrados, por mim interpretados como alucinações,

procurei um médico que me aconselhou experiências sexuais. Completara, então, dezenove anos e entreguei-me desenfreadamente ao abuso de faculdades sublimes. Desejava conciliar, à força, o prazer delituoso e o dever espiritual, alheando-me, cada vez mais, dos ensinamentos evangélicos, que os amigos da esfera superior nos ministravam. Tinha pouco mais de vinte anos, quando meu pai foi arrebatado pela morte. Com a triste ocorrência, ficavam na orfandade seis crianças desfavorecidas, porquanto minha madrastra consorciara-se, igualmente, em segundas núpcias, e trouxera para a tutela de meu genitor três pequeninos. Em vão implorou-me socorro a pobre viúva. Nunca me dignei aceitar os encargos redentores que me estavam destinados. Após dois anos de segunda viuvez, minha desventurada madrastra foi recolhida a um leprosário. Afastei-me, então, dos pequenos órfãos, tomado de horror. Abandonei-os definitivamente, sem refletir que lançava meus credores generosos, de "Nosso Lar", a destino incerto. Em seguida, dando largas à ociosidade, cometi uma ação menos digna e fui obrigado a casar-me pela violência. Mesmo assim, porém, persistiam os chamados do invisível, revelando-me a inesgotável misericórdia do Altíssimo. Contudo, à medida que olvidava meus deveres, toda tentativa de realização espiritual figurava-se-me mais difícil. E continuou a tragédia que inventei para meu próprio tormento. A esposa a que me ligara, tão somente levado por apetites inconfessáveis, era criatura muito inferior à minha condição espiritual e atraíu uma entidade monstruosa, em ligação com ela, para tomar o papel de meu filho. Releguei à rua seis carinhosas crianças, cuja convivência concorreria decisivamente para minha segurança moral, mas a companheira e o filho, ao que me pareceu, incumbiram-se da vingança. Atormentaram-me ambos, até ao fim da existência, quando para aqui regresssei, mal tendo completado quarenta anos, roído pela sífilis, pelo álcool e pelos

desgostos... sem nada haver feito para meu futuro eterno... Sem construir coisa alguma no terreno do bem...

Enxugou os olhos úmidos e concluiu:

— Como vê, realizei todos os meus condenáveis desejos, menos os desejos de Deus. Foi por isso que falei, agravando antigos débitos...

Nesse instante, calou-se como se alguma coisa invisível lhe constringisse a garganta.

Abracei-o com simpatia fraternal, ansioso de proporcionar-lhe estímulo ao coração, mas Dona Isaura aproximou-se mais, acariciou-lhe a fronte e falou:

— Não chores, filho! Jesus não nos falta com a bênção do tempo. Tem calma e coragem...

E identificando-lhe o carinho, meditei na Bondade Divina, que faz ecoar o cântico sublime do amor de mãe, mesmo nas regiões dalém-morte.

VIII

O DESASTRE DE ACELINO

Ia dirigir-me a Otávio novamente, quando alguém se aproximou e falou ao ex-médium, com voz forte:

— Não chore, meu caro. Você não está desamparado. Além disso, pode contar com o devotamento materno. Vivo em piores condições, mas não me faltam esperanças. Sem dúvida, estamos em bancarrota espiritual; no entanto, é razoável aguardarmos, confiantes, novo empréstimo de oportunidades do Tesouro Divino. Deus não está pobre.

Voltei-me surpreendido e não reconheci o recém-chegado.

Dona Isaura fez o obséquio das apresentações. Estávamos diante de Acelino, que partilhara a mesma experiência.

Fitando-o, triste, Otávio sorriu e advertiu:

— Não sou um criminoso para o mundo, mas sou um falido para Deus e para "Nosso Lar".

— Sejamos, porém, lógicos — revidou Acelino, parecendo mais encorajado — você perdeu a partida porque não jogou, e eu a perdi jogando desastradamente. Tive onze anos de tormento nas zonas inferiores. Sua situação não reclamou êsse drástico. Mesmo assim, confio na Providência.

Nesse instante, interveio Vicente, acrescentando:

— Cada um de nós tem a experiência que lhe é própria. Nem todos ganham nas provas terrestres.

E voltando-se de modo especial, para mim, aduziu: